

NEOCRETO

ANTONIO GONÇALVES FILHO
São Paulo

Se o neocretismo, movimento artístico que agitou os círculos intelectuais carioca e paulista no final da década de 50 e início dos anos 60, constituiu uma tomada de posição em face da arte não figurativa "geométrica", classificada por um de seus mentores, o poeta e crítico de arte Ferreira Gullar, como uma "antropofagia legítima", ou se apenas passou a história como uma diluição do movimento concreto brasileiro, como defende o ensaísta e poeta Décio Pignatari, o que os visitantes da exposição "Rio: Verbetes Construtivos" — aberta hoje, a partir das 18h30, e até o próximo dia 23 de junho, no Museu de Arte Contemporânea (MAC), no Triângulo — terão oportunidade de julgar, observando 45 obras realizadas no período.

Depois de São Paulo, a mostra seguirá, provavelmente, para Porto Alegre, Santa Catarina e Curitiba. Provavelmente, porque o seguro das obras (avaliadas em Cr\$ 1 bilhão) é alto e foi assumido apenas pelo Banerj.

Os nomes dos artistas participantes do movimento — sediados, na época, no Rio e em São Paulo — ao menos escaparam à lesão dessa batalha ideológica regionalista, onde o racionalismo concretista se opunha à negação das atitudes científicas pelos neocretos. São todos célebres e extremamente considerados, hoje: Hércules Barroff, Aluisio Carvão, Amílcar de Castro, Willys de Castro, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Lygia Pape, Décio Vieira, Osmar Dillón, Franz Weissmann e os poetas Ferreira Gullar, Fortes de Almeida, Reynaldo Jardim e Theon Spanudis. E, ao lado destes, o crítico Frederico Morais, 50 anos, curador da mostra, acrescentou mais alguns, que integram o ciclo de exposições sobre arte no Rio de Janeiro e que a Galeria de Arte Banerj vem realizando desde setembro do ano passado.

Antiga polémica
No Rio, a atual exposição do MAC foi dividida em três núcleos distintos: "Neocretismo/1959-1961", "Grupo Frente/1945-1960" e "Exposição Nacional de Arte Abstrata", realizada no Hotel Quilandinha, em 1960. "Agora as três mostras estão reunidas porque o espaço do MAC é maior, o que possibilita ao visitante observar, de uma só vez, o rio filio construtivo da arte abstrata brasileira dos anos 50, sediada no Rio", explica o curador Frederico Morais, não sem antes esclarecer que não pretende, com essas exposições (em particular a dos artistas neocretos) reeditar a antiga polémica entre Rio e São Paulo, "mas apenas oferecer elementos para uma reflexão por parte dos críticos, historiadores, pesquisadores, estudantes e artistas". "Exigimos para tal avaliação o público tem de saber: ao todo são 97 trabalhos assinados pelos principais representantes dos três movimentos, do metulicivo Ivan Serpa ao libertário Oiticica, incansável investigador

de novas linguagens, falecidos, respectivamente, em 1973 e 1980. Alguns dos trabalhos que integram a exposição do MAC fizeram parte da histórica "1ª Exposição Neocretista" realizada em 1959, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, quando os artistas participantes (se- to) lançaram um manifesto através do suplemento dominical do "Jornal do Brasil" (21 de março de 1959). Basicamente, o manifesto consistia a "perigosos exacerbado racionalista" da arte concreta, que roubava à arte, segundo os neocretistas, "idéias, autonomia, substituindo as qualidades intrínsecas da obra de arte por noções da objetividade científica".

Revolução plástica

O poeta Ferreira Gullar, 54 anos, um dos que assinaram o manifesto, via, também na poesia concreta, o mesmo objetivo mecanicista da pintura e, hoje, decorridos 26 anos da exposição, defende ainda a posição de que os neocretos provocaram de uma verdadeira "revolução" nas artes plásticas brasileiras. "Os neocretos tiraram a pintura do espaço bidimensional, criando formas abertas à participação do espectador, além de terem rompido os limites que separavam os gêneros — pintura, escultura, poesia — e deixado uma herança inestimável para os novos artistas, por exemplo Rubem Gerchman, que bebeu na fonte dos neocretistas".

Gullar, entretanto, não nega que os neocretistas sofreram do "mal da época". "Desligados da realidade nacional, eles representavam o último ramo de uma experiência vanguardista e europeia que aqui veio florescer, acentuada pela 1ª Bienal de São Paulo, em 1961, com a introdução das obras e idéias de Max Bill" (então diretor da Escola Superior da Forma, de Ulm, Alemanha Ocidental).

Retomada e ruptura

Des atitudes que participaram do movimento neocretista — inclusive assinando o "manifesto", em 59 — poucos ainda defendem com ardor certos emittidos na época, preferindo situá-lo como uma "fase" da época. "Desligados da realidade nacional, eles representavam o último ramo de uma experiência vanguardista e europeia que aqui veio florescer, acentuada pela 1ª Bienal de São Paulo, em 1961, com a introdução das obras e idéias de Max Bill" (então diretor da Escola Superior da Forma, de Ulm, Alemanha Ocidental).

Para Gullar, os artistas neocretos "apenas rejeitaram o primado da razão sobre a sensibilidade". "Qual nada", diz Pignatari. "Parece natural que os artistas concretos, que moravam numa metrópole industrial, tivessem uma visão menos intuitiva da arte. Os cariocas sempre tiveram apoio oficial. Nós, de São Paulo, éramos a 'legião estrangeira', porque não negligenciávamos os aspectos ideológicos da arte. Trabalhávamos junto ao 'Partido' (Partido Comunista Brasileiro), porque nosso luta era para fazer uma arte que pudesse ser entendida por todos. Os neocretistas eram subterráneos, apesar de, hoje, serem como Aracy Amaral e artistas como Lygia Pape distorcem a verdade, afirmando que eles tinham uma posição política de esquerda".

Amílcar de Castro, 65 anos, que apresentou sete trabalhos na 1ª Exposição Neocretista. "Mas", conclui, "de certa maneira tomei outros rumos, apesar de reconhecer o movimento como de grande importância para uma pesquisa de origem da arte brasileira".

Castro admite que jamais gostou do nome "neocretista", "porque o movimento foi, ao mesmo tempo, uma ruptura e um desdobramento do concretismo, embora isso não se aplique à minha experiência particular, porque mesmo antes de Max Bill introduzir a arte concreta em nosso meio, em 1951, já vinha fazendo experiências nesse sentido".

"Momento crucial"

Para o crítico e escritor Ronaldo Brito, 55, autor do livro "Vértice e Ruptura do Projeto Construtivo Brasileiro" (lançado este ano pela Faperj), "o neocretismo foi um momento crucial da modernidade no Brasil, que retomou a questão da contemporaneidade da arte pela explosão interna da tradição construtiva, uma questão obscuramente perseguida no mercado. Hélio Oiticica e Lygia Clark, para mim, permanecem como os dois principais nomes desse movimento, datado, certo, mas muito importante".

Quanto às intermináveis discussões entre concretistas paulistas e neocretistas "cariocas", "é bom lembrar que dos sete artistas que assinaram o manifesto apenas Lygia Pape era do Rio. Brito prefere não levar a sério "esses episódios anecdóticos, porque arte nunca foi um problema de geografia".

Concretos contra neocretos

O poeta e crítico Ferreira Gullar tenta provar que "a arte concreta chegou a uma concepção teórica da forma que terminou por limitá-la a determinados esquemas perceptivos", no livro "Etapas da Arte Contemporânea" (Nobel, 263 págs., Cr\$ 46 mil), que estará lançando hoje, às 18h30, durante a inauguração da exposição "Rio: Verbetes Construtivos". Mas o poeta Décio Pignatari, 53, continua achando que o neocretismo "surgiu mais de uma ruptura regionalista entre Rio e São Paulo".

Para Gullar, os artistas neocretos "apenas rejeitaram o primado da razão sobre a sensibilidade". "Qual nada", diz Pignatari. "Parece natural que os artistas concretos, que moravam numa metrópole industrial, tivessem uma visão menos intuitiva da arte. Os cariocas sempre tiveram apoio oficial. Nós, de São Paulo, éramos a 'legião estrangeira', porque não negligenciávamos os aspectos ideológicos da arte. Trabalhávamos junto ao 'Partido' (Partido Comunista Brasileiro), porque nosso luta era para fazer uma arte que pudesse ser entendida por todos. Os neocretistas eram subterráneos, apesar de, hoje, serem como Aracy Amaral e artistas como Lygia Pape distorcem a verdade, afirmando que eles tinham uma posição política de esquerda".



A COZINHA DO SOL DA MEIA-NOITE

DE 26 DE MAIO A 2 DE JUNHO * NO VIKINGS, MAKSOUF PLAZA.

Uma semana com a gastronomia escandinava sob a batuta de Ida Davidsen, proprietária do "Oskar Davidsen" — um dos mais famosos restaurantes de Copenhague, onde ela exerce sua arte com insuperável mestria. Venha saborear as delícias do "Smorgasbord" (saboroso buffet com mais de 70 pratos dinamarqueses, frios e quentes).

* Almoço e jantar diferenciado, exceto almoço de sábado, dia 17. Reservas: 251-2233.

Apelo **MUSAS** CAFE BRASSERIE



E MAIS:

La Cuisine du Soleil

Especialidades francesas. Dejeuné Express: de segunda a sexta, das 12 às 14:30h. Jantar: de segunda a sábado, a partir das 19:30h. Entre os pratos: Menu de saut* — o que há de melhor no época em carnes, legumes e verduras; Menu de saut* — o que há de melhor no café com petit fours — 6 especialidades multi-saboradas. O requinte natural da França presente em cada prato. Suaes mistos no voo.

BELAVISTA CAFE BRASSERIE

Quilínio brasileira e internacional. Aberto 24 horas por dia. No almoço e jantar de segunda a sexta, sempre um prato especial com mesclada fresca cozida. Diariamente, a partir das 23h e por todo o mediodia, México e São Paulo Antigo. Dobradinha à brasileira e Pãozinho de canoço. De domingo a sexta, CND das 5 horas; perfeto. Aos sábados, buffet de almoço mais dissipado da cidade. Programa certo de bom gourmet.

Mezzanino RESTAURANTE MAR BOM

Lunch Express: de segunda a sexta, das 12 às 14:30h. Almoço rápido: aperitivo, delícia. A noite, de segunda a sábado, frutos do mar e arroz branco, arroz doce, bolo de picadinho e especialidades fantásticas do culinário internacional. Happy hour: coquetéis, coxinha de galinha, 19000-1900. Incomparável o Mileu Shiu. Uma deliciosa pizza feita no do Altium Lobby de Maksouf Plaza.

ARLANZA

Pizzas, massas, queijos, fondues, carnes e vinhos. Aberto todos os dias a partir das 18h. Pizzas individuais, massas frescas com molhos especiais e entre outros, escolhas de vitais e parmegiana.

Para de Paulo Ceccon

150 mil

Show de segunda a sábado com o Banda 150, incluindo Art, Bom Mistey e os melhores artistas da música mundial. Sábado, 11 de junho, às 20h, estreia do espetáculo em "Músicas e Letras". Um show de Vila Rica com o melhor dos artistas de Fernando Fato e direção de produção de Fred Ross. Adquirir seus ingressos agora ou reserve pelo tel.: 251-2233.

MAKSOUF PLAZA

Aberto todos os dias, das 12h às 24h. Entremosidade com mesclada, queijo para todos os gostos e pratos especiais. Um show de "The Paulist's Bands of the World".



Escultura em ferro do austríaco Franz Weissmann pinturas de Ivan Serpa e de Hélio Oiticica: obras do Neocretista que estarão expostas a partir de hoje, no Museu de Arte Contemporânea